

Como a Globo tenta causar discórdia entre a comunidade libanesa

By [Eduardo Vasco](#)

Global Research, September 27, 2024

O Jornal Hoje de segunda-feira (23) exibiu uma reportagem narrada pela correspondente em Tel Aviv, Paola de Orte, sobre os ataques israelenses ao Líbano. Como todas as reportagens da Rede Globo sobre o Oriente Médio, em especial sobre o genocídio de Israel em Gaza, praticamente nenhum elemento foi produzido pela Globo. As imagens e depoimentos foram todos recolhidos pelas agências de notícias internacionais - Reuters, AP e AFP, praticamente. Fora o voice over, apenas uma das entrevistas foi feita pela equipe da Globo.

Diz Paola de Orte, narrando a reportagem: “o analista político e professor de História na Universidade Americana de Beirute, Makram Rabah, explica que o Hezbollah, apesar de ser um grupo libanês, não representa os interesses do Líbano”. Então, ela dubla a fala de Rabah: “o Hezbollah é um representante do Irã e, embora muitas pessoas o vejam como um grupo libanês, é de fato um agente iraniano que domina o espaço político e econômico do Líbano.” Então, a repórter finaliza: “para o professor, o chefe do grupo, Hassan Nasrallah, não se importa com o povo libanês, mas com uma oportunidade de ganho político.”



FOTO DE ARQUIVO: Apoiantes do Hezbollah do Líbano reúnem-se para assistir a uma cerimónia de homenagem aos combatentes mortos na recente escalada com Israel, no dia do discurso do líder do

Primeiro, vamos ver quem é Makram Rabah. Como a própria reportagem o apresenta, ele dá aulas na Universidade Americana. Esta universidade é reconhecidamente uma formadora de quadros pró-estadunidenses e de colaboradores da CIA no Líbano, há décadas. Ele também é ligado a outras instituições de ensino e pesquisa dos Estados Unidos, como o Washington Institute, um dos inúmeros think tanks do imperialismo americano.

O discurso de Rabah reflete a sua formação e corresponde aos mandamentos de seus patrões, os americanos. A máquina de propaganda dos EUA martela na cabeça do público que o Hezbollah, assim como o Hamas e os Houthis, é um “agente iraniano”. Essa é uma velha tática propagandística para deslegitimar adversários. O czarismo e depois Kerensky acusavam os bolcheviques de serem “agentes alemães”. Joseph McCarthy perseguiu até mesmo artistas de Hollywood tachando-os de “agentes russos”. Os médicos cubanos que curaram tantos pacientes brasileiros eram considerados “agentes de Castro” pela Veja.

Essas afirmações contra o Hezbollah não correspondem à realidade. O Hezbollah nasceu da luta do povo libanês, particularmente dos muçulmanos xiitas, contra os representantes da dominação americana e israelense no país. A Guerra Civil libanesa iniciou em 1975 e o Partido Falangista, um partido abertamente fascista e terrorista, recebia todo o apoio dos EUA e de Israel para esmagar os muçulmanos a ferro e fogo e controlar o país. Seu líder, Bashir Gemayel, era um agente americano. E sem aspas. Porque, ao contrário da propaganda dos EUA contra o Hezbollah e o Irã, está plenamente documentado que, ainda quando vivia nos EUA, Gemayel havia sido recrutado pela CIA. Conforme seu poder aumentava, aumentava também a propina paga pela CIA e pelo Mossad. Dois meses e meio depois da invasão de Israel ao Líbano, em 1982, ele subiu ao poder no país. Dois dias após Gemayel ser assassinado pelos opositores, o exército de ocupação israelense apoiou a invasão das milícias falangistas aos acampamentos de refugiados palestinos de Sabra e Chatila, que resultou nos famigerados massacres comparáveis apenas ao que Israel está fazendo atualmente em Gaza.

A ocupação israelense só terminou em 2000, mas voltou a acontecer rapidamente em 2006. Durante todos esses anos, a partir da década de 1980, quem esteve na linha de frente da luta pela expulsão dos invasores do Líbano foi precisamente o Hezbollah. É claro que o Hezbollah recebe forte apoio do Irã, em todos os sentidos. Os iranianos devem ser aplaudidos por isso, assim como pelo apoio à Resistência Palestina, aos Houthis e à Síria. Todos eles têm uma luta comum: a luta pela libertação nacional e de toda a região do domínio imperialista, exercida principalmente através de sua base militar chamada Israel.

Nas últimas eleições gerais, em 2022, o Hezbollah recebeu 335,4 mil votos, mais do que o dobro do segundo partido mais votado (o Movimento Amal, seu aliado). No total, o Hezbollah e sua coalizão receberam mais de 700 mil votos, ou 39% dos votos registrados – mais de 460 mil votos a mais que o segundo colocado.

Até mesmo pesquisas de institutos ocidentais apontam para uma alta popularidade do Hezbollah. No final do ano passado, após o início do genocídio em Gaza, o Washington Institute mostrou que 93% dos xiitas, 34% dos sunitas e 29% dos cristãos tinham uma visão positiva do Hezbollah. O Partido de Deus é um partido xiita, mas tem crescido mais ainda entre os não xiitas, de acordo com esse instituto. A pesquisa anterior, de 2020, mostrava um apoio de 7% dos sunitas e 16% dos cristãos. Já uma pesquisa de opinião do Barômetro

Árabe, realizada entre fevereiro e abril deste ano, indicou que o Hezbollah tem o apoio de um terço dos libaneses, incluindo 85% dos xiitas. A percepção positiva do papel do Hezbollah na política regional aumentou particularmente entre drusos, sunitas e cristãos nos últimos dois anos. A pesquisa do Barômetro também mostrou que os libaneses rejeitam de maneira contundente o genocídio em Gaza e consideram os bombardeios israelenses àquele território palestino muito mais terroristas (78%) do que os ataques do Hezbollah ao norte de Israel (11%).

Por último, o apoio popular do Hezbollah é tão grande que mais de 100 mil libaneses decidiram se juntar às suas milícias armadas. Portanto, não se trata de um apoio passivo, mas sim de um apoio ativo. De fato, o Hezbollah tem o maior contingente entre todas as organizações paramilitares do mundo todo.

Então, como o Hezbollah pode ser um mero “agente iraniano”, se ele recebe tanto apoio popular?

Como dito no início do texto, isso é um artifício para deslegitimar o Hezbollah. Outro é rotulá-lo de “extremista”. É difícil que esse adjetivo não acompanhe qualquer menção ao nome Hezbollah no noticiário da Rede Globo, bem como ela faz com os “terroristas do Hamas”. Nenhum jornalista da Globo jamais explicou por que chama o Hamas de “terrorista” e o Hezbollah de “extremista”. Mas é claro para todos os observadores minimamente atentos que isso é uma jogada de manipulação para apresentá-los como lado mau da história. Nem o governo, nem o exército e nem mesmo o primeiro-ministro de extrema-direita de Israel jamais foram chamados de “extremistas” ou de “terroristas”. Mesmo que todos eles sejam responsáveis por incontáveis atrocidades cometidas há quase um ano, e que até altos funcionários e organismos da ONU, bem como o próprio governo brasileiro, reconheçam que Israel comete um genocídio que já matou mais de 50 mil palestinos em Gaza, contando com os desaparecidos sob escombros.

A Globo, que foi criada pela ditadura militar implantada pelos Estados Unidos e graças aos dólares da Time-Life, que sempre teve negócios com o Deep State americano e recebe o patrocínio de inúmeras empresas dos EUA, é muito mais uma “agente americana” do que o Hezbollah é um “agente iraniano”. E como tal, desempenha o papel de principal porta-voz do Estado americano no Brasil. A Globo dissemina a propaganda encomendada desde os EUA a favor de Israel (outra criação americana) para garantir o apoio da burguesia, da classe média e do aparato burocrático do governo brasileiro às empreitadas imperialistas. Também promove essa propaganda para colocar aqueles que estão contra o genocídio e do lado dos oprimidos na defensiva. Porque tomar essa postura seria estar do lado dos “terroristas” e dos “extremistas”. Esse discurso é repetido por todos os grandes veículos de comunicação brasileiros, que também têm o seu rabo preso com o dinheiro e o poder dos EUA.

Esse é um ponto em comum da Globo e da imprensa pró-imperialista brasileira com todos os grandes meios de comunicação dos EUA, da Europa e dos países submetidos ao jugo imperialista. Mas o Brasil tem também uma especificidade: o Brasil abriga uma das maiores diásporas de origem árabe e muçulmana do mundo. A própria diáspora libanesa é a maior do mundo, com cerca de 10 milhões de membros. Os grandes meios de comunicação, em especial a Globo, que é o maior de todos, têm a obrigação de impedir que toda essa gente tenha os mesmos sentimentos de revolta e indignação contra as barbaridades cometidas por Israel e EUA como têm seus parentes no Oriente Médio. Porque isso poderia forçar o governo e as instituições brasileiras a reduzir sua colaboração com aqueles que oprimem o

Oriente Médio – que são os mesmos que subjagam o Brasil.

Uma clássica lógica imperialista é a de dividir para reinar. É assim que sempre agiram os impérios. O Oriente Médio, junto com a África, é um dos mais fortes exemplos do sucesso dessa estratégia milenar.

Eduardo Vasco

Imagem (Mapa) Fuente : Agencia Nacional de Noticias (NNA) 23 de septiembre de 2024

*

Eduardo Vasco é jornalista especializado em política internacional, correspondente de guerra e autor dos livros-reportagem “O povo esquecido: uma história de genocídio e resistência no Donbass” e “Bloqueio: a guerra silenciosa contra Cuba”.

The original source of this article is Global Research
Copyright © [Eduardo Vasco](#), Global Research, 2024

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: [Eduardo Vasco](#)

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca
www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca